
Sombras do horror na literatura brasileira: diálogo com Daniel Serravalle de Sá

Shadows of Horror in Brazilian Literature: A Dialogue with Daniel Serravalle de Sá

Autoria: Admarcio Rodrigues Machado

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6680-6838>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1268311933584451>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.227816>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/227816>

Recebido em: 01/07/2024. Aprovado em: 13/08/2024.

Editores responsáveis: Leandro Antognoli Caleffi e Bruna Martins Coradini

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 13, n. 24, jan./jun., 2024. E-ISSN: 2525-8133

Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>. Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/@revista.opiniaes)

 <https://usp-br.academia.edu/opiniaes>

Como citar (ABNT)

MACHADO, Admarcio Rodrigues. Sombras do horror na literatura brasileira: diálogo com Daniel Serravalle de Sá. *Opiniões*, São Paulo, ano 13, n. 24, jan./jun., pp. 167-178, 2024.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/227816>. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.227816>. Acesso em: XX mês. 20XX.



Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A revista *Opiniões* não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

sombras do horror na literatura brasileira: diálogo com daniel serravalle de sá

Shadows of Horror in Brazilian Literature: A dialogue with Daniel Serravalle de Sá

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.227816>

Admárcio Rodrigues Machado¹

Doutor em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-6680-6838>

 <http://lattes.cnpq.br/1268311933584451>

 admario_rodrigues@yahoo.com.br

¹ Admario Rodrigues Machado é doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).

Resumo

Entrevista realizada com o professor Daniel Serravalle de Sá, na qual ele reflete sobre a relação literária entre Brasil e Europa, elementos góticos presentes na ficção brasileira, realidade e horror, o silêncio na literatura, a presença de elementos fantásticos na construção do imaginário popular brasileiro, a formação do cânone literário brasileiro, alguns desafios enfrentados por escritores brasileiros de literatura fantástica, a relação entre o personagem Zé do Caixão e seu simbolismo na sociedade brasileira, dentre outros temas relevantes para se pensar o insólito ficcional brasileiro.

Palavras-chave

Insólito ficcional. Historiografia literária brasileira. Horror. Zé do Caixão. Daniel Serravalle de Sá

Abstract

Interview with Daniel Serravalle de Sá, in which he reflects on the literary relationship between Brazil and Europe, Gothic elements present in Brazilian fiction, reality and horror, silence in literature, the presence of fantastic elements in the construction of the Brazilian popular imagination, the formation of the Brazilian literary canon, some challenges faced by Brazilian writers of fantastic literature, the relationship between the character Zé do Caixão and his symbolism in Brazilian society, among other relevant topics to think about the Brazilian fictional uncanny.

Keywords

Fictional uncanny. Brazilian literary historiography. Horror. Zé do Caixão. Daniel Serravalle de Sá

apresentação

Nesta entrevista, realizada por e-mail, o professor Daniel Serravalle de Sá nos convida a explorar as intersecções entre o fantástico e o gótico na literatura brasileira, evidenciando como essas tradições literárias dialogam com a realidade e o imaginário popular do país. Serravalle de Sá, renomado especialista em literatura fantástica e gótica, reflete sobre a influência europeia na construção dessas narrativas no Brasil, destacando a dinâmica de absorção e ressignificação cultural que caracteriza a produção literária nacional.

Ao longo da conversa, o estudioso aborda temas que vão desde a presença de elementos sobrenaturais e de horror até o papel do silêncio na literatura, passando pela formação do cânone literário e os desafios enfrentados pelos escritores brasileiros de literatura fantástica. Além disso, discute a figura icônica de Zé do Caixão e seu simbolismo na sociedade brasileira, proporcionando uma análise rica e detalhada das camadas que compõem o insólito ficcional nacional.

O diálogo aqui realizado não apenas ilumina aspectos importantes da historiografia literária do Brasil, mas também nos faz repensar o lugar do fantástico e do horror na cultura nacional, oferecendo novas perspectivas sobre como esses gêneros podem ser interpretados e valorizados tanto pela crítica acadêmica quanto pelo público leitor menos especializado.

Opiniões: *Historicamente, no fluxo literário entre o Brasil e países europeus, talvez com raras exceções, a literatura brasileira bebeu em fontes europeias. Essa dinâmica não foi muito diferente em relação ao fantástico e ao gótico, por exemplo. Nesse sentido, nem caberia falar em troca, efetivamente. Qual o estado da questão dessa relação atualmente? Poderia exemplificar, por favor?*

Daniel Serravalle de Sá: A questão sobre o fluxo literário da Europa para o Brasil, do Norte para o Sul, do centro para a periferia, remete ao problema da colonialidade, que sempre foi e continua sendo central para se pensar o nosso país. Todavia, para evitar o risco de cair em dicotomias que somente reforçam ideias de superioridade, é preciso lembrar do princípio dominante do movimento antropofágico, no qual o canibalismo cultural é uma metáfora para a ingestão da cultura estrangeira, assimilada em nossos próprios termos e usada como estratégia para a criação de algo novo. A célebre frase “Tupi or not Tupi, that is the question”, presente no *Manifesto antropófago* (1928), que teria sido dita a primeira vez durante a Semana de Arte Moderna (1922), expõe o dilema da identidade nacional: uma versão paródica de uma famosa citação de Shakespeare, invocando o outrora maior grupo indígena que viveu no território hoje chamado Brasil.

Nesse sentido, a busca por originalidade, essa herança do Romantismo, é menos importante do que a apropriação crítica. No texto “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1978), Silviano Santiago defende que a contribuição da América Latina para a cultura ocidental é a obliteração de conceitos como unidade e pureza. O crítico defende que no espaço neocolonial, o imaginário se afirma como uma escritura *sobre* outra escritura, ou seja, como experimentações, digressões, pastiches dos signos estrangeiros. Já Arjun Appadurai, no ensaio “Disjuncture and

Difference in the Global Cultural Economy” (1990) destaca que as trocas na balança cultural global são sempre complexas, envolvendo fluxos de capitais, imagens, pessoas, tecnologias, informações e ideias em circulação pelo mundo. Esses *cultural flows* que atravessam contextos geográficos, econômicos e culturais distintos, estariam constantemente gerando novas combinações e sentidos.

Veja que não estou negando as enormes assimetrias que existem nessas dinâmicas internacionais. A desigualdade nas dimensões sociais, nas relações de poder permanecem hierárquicas no espaço neocolonial. O argumento aqui é que o fantástico e o gótico nacional, ao mesmo tempo que são tributários da cultura global, também reescrevem de forma criativa situações, cenas e convenções estrangeiras. Essas hibridizações revelam características e peculiaridades sobre a história, os discursos e o inconsciente nacional que, voltando na metáfora antropofágica, é propenso a mastigar e digerir o outro estrangeiro. Alguns modelos atuais e emblemáticos dessas hibridizações culturais estão aparecendo com força na literatura hispano-americana, por exemplo, *Las cosas que perdimos en el fuego* (2016), de Mariana Enríquez; *Las voladoras* (2020), de Mónica Ojeda; *Tierra fresca de su tumba* (2021), de Giovanna Rivero, são narrativas que se valem de elementos sobrenaturais e de linguagem sensorial para falar sobre subalternidade, visibilização de experiências de grupos marginalizados, enfim, sobre os terrores sócio-históricos próprios de seus ambientes.

Opiniões: *Quais são os lugares-comuns do gótico? Há algo de gótico em autores como Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, convencionalmente abordados de outras perspectivas analíticas? Justifique, por favor, e explique como o gótico brasileiro difere-se do gótico tradicional.*

Daniel Serravalle de Sá: Penso que a busca por fontes e influências acaba por estabelecer o critério da diferença como principal valor crítico, mas há outros critérios possíveis. Entretanto, pensando em termos de singularidade, vejo que o gótico brasileiro ou tropical se distingue quando faz leituras “maliciosas” de textos que já foram escritos, observando de maneira atenta e reflexiva os pontos fortes e as limitações, para depois desarticular e rearticular os elementos textuais, inclusive as convenções e os lugares-comuns, de acordo com suas próprias intenções e ideologia.

Há excelentes estudos sobre como Machado de Assis utiliza essa estratégia, ainda que esses estudos não desenvolvam necessariamente uma leitura gótica da obra do Bruxo do Cosme Velho – esse epíteto que já dá margem para uma discussão. Quem desejar fazer uma leitura gótica das obras de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa ou Clarice Lispector deve buscar algum ponto (temático, imagético, discursivo, histórico, documental, estético, político) para estabelecer um diálogo entre as partes, pois a escrita é um subproduto da leitura e, quando o leitor se transforma em autor, acontecem apropriações e experimentações com diferentes tipos de gêneros textuais e tradições literárias. Quando estamos diante de autores e autoras de excelência, como esses que você mencionou, essa reescrita nunca é ingênua, como se fosse uma *checklist*, mas sim uma escrita ousada e inventiva na maneira como reinsere as imagens em novos contextos, como experimenta com as vozes

narrativas, como propõe inovações linguísticas ou como comenta sobre o próprio processo de composição, muitas vezes com irreverência e ironia em relação aos modelos. Então, quem se dispuser a empreender uma leitura gótica de autores e autoras canônicas deve permanecer sensível a essas questões literárias.

Veja que o castelo medieval de Horace Walpole, que deu origem a um dos lugares-comuns mais duradouros da ficção gótica, jamais será o mesmo castelo no Brasil, pois, no ato de ler e reescrever, o signo linguístico se transforma, por exemplo, no solar de D. Antonio de Mariz, em *O Guarani* (1857), na pensão de Miss Barkley, em *Esfinge* (1808), ou na fazenda do Grotão em *A menina morta* (1954), os seja, os atos de reescrita têm o potencial de transformar os textos antecessores, então, já não estamos diante do clichê, mas de um novo contexto e significado.

Opiniões: *Há uma percepção do horror como algo deslocado da realidade objetiva. Como o senhor percebe o jogo entre realidade e horror?*

Daniel Serravalle de Sá: Se pensarmos na literatura como um fenômeno social, vemos que existe sim uma relação entre realidade e ficção, de modo que não dá para considerar a literatura como algo deslocado da realidade. Até mesmo quanto se ambienta a história em um futuro longínquo, em um planeta distante, a narrativa irá refletir algum aspecto da sua realidade. Tal representação pode ser feita de uma maneira mais referencial ou pode ser alegórica, por exemplo, desnaturalizando um aspecto social por meio de um discurso sobrenatural, mas essa é uma discussão que opera em níveis distintos.

Em *A filosofia do horror, ou os paradoxos do coração* (1990), livro que fornece um relato cuidadoso do gênero de horror e que se tornou um livro muito citado em pesquisas feitas no Brasil, o crítico Noël Carroll propõe o conceito de *art-horror*, em contraposição a outro conceito que chama de *natural horror* (mas, esse segundo conceito não é bem desenvolvido). Creio que esse livro pode ser uma leitura iluminadora para quem deseja pensar no horror como algo deslocado da realidade objetiva. Carroll é professor de filosofia da linguagem e está interessado nos efeitos emocionais e cognitivos que o horror – como gênero e arte - provoca em seu público. De certa forma, seu trabalho remete à catarse aristotélica que descreve os efeitos de purgação ou liberações de emoções que tragédia provoca na audiência.

Em outras palavras, se o eixo de discussão é a relação entre horror e realidade objetiva, me parece que estão em jogo duas metodologias: uma proposta de estudo do horror feita em termos estéticos e outra proposta feita em termos políticos, uma ligada ao textual e outra ligada ao “real”, lembrando que é possível combinar as duas metodologias, que é a forma como tenho trabalhado, pensando o texto literário como um fenômeno social.

Opiniões: *De que maneira o excesso da linguagem ou o silêncio são eloquentes para tratar de questões que afetam diretamente a realidade brasileira?*

Daniel Serravalle de Sá: A realidade brasileira é um fenômeno complexo demais para se discutir aqui, mas, em termos de literatura, estou pensando se, ao mencionar

em excesso de linguagem e silêncios, a pergunta está remetendo às práticas desconstrucionistas, as quais se propuseram a observar como as narrativas evitam dizer o que significam. Por exemplo, onde antes se buscava destacar a unidade e a coerência em uma obra, o olhar crítico desconstrucionista busca no texto os elementos que enfraquecem ou contradizem o conjunto “coerente”. Estou falando aqui dos excessos e silêncios que não são erros ou descuidos e sim referências explícitas à natureza problemática da palavra escrita, elementos essenciais do fazer literário. Nesse sentido, a ficção gótica é muito adequada para falar sobre excessos e silêncios, pois é um tipo de linguagem que desafia nossas premissas de que a literatura seria uma tentativa de o escritor comunicar alguma coisa. Pensando dentro da lógica desconstrucionista, se o objetivo da literatura é “comunicar”, então por que muitos dos escritores góticos desenvolvem uma escrita que parece destinada a esconder, omitir, mistificar? Até mesmo quando escrevem, descrevem e reescrevem algo de maneira eloquente e excessiva, há algo no discurso gótico, ou seja, na forma como a linguagem é utilizada nesses textos, que não quer ou que não pode se revelar.

Opiniões: *Como o senhor avalia o impacto dos elementos fantásticos na construção do imaginário popular brasileiro, especialmente no que diz respeito à formação da identidade nacional?*

Daniel Serravalle de Sá: Tenho escrito sobre esse assunto, argumentado que literatura brasileira recebe do imaginário popular uma herança riquíssima de lendas misteriosas, contos folclóricos, superstições religiosas, cancioneros místicos, entre outras expressões socioculturais. São manifestações autênticas das pessoas e das culturas que formaram a nação, constituindo campo de trocas entre as mitologias indígenas, as matrizes africanas e as culturas europeias que contribuíram para a formação do Brasil. O problema é que essa herança tão diversa e preciosa nem sempre funciona a nosso favor. Devido ao fato de termos sido colônia, os textos que se tornaram canônicos, considerados exemplares da cultura brasileira, são obras que, frequentemente, tendem promover valores culturais cosmopolitas e progressistas. Por conseguinte, devido ao complexo de sermos uma nação agrária e mestiça, ainda imatura em relação a nossa identidade coletiva, criaram-se pré-julgamentos sobre narrativas sobrenaturais, as quais ficaram associadas às manifestações folclóricas, arcaicas e rurais.

Há na nossa história coletiva uma potência para a criação de narrativas relacionadas à violência e ao medo. O Brasil é um país marcado pela colonização, pela escravidão, pela ditadura, experiências que foram e em muitos sentidos ainda são traumáticas para nós. Veja que não é necessário pensar em termos de gênero, ou seja, que a obra inteira tenha as características que as identifiquem como pertencentes a um determinado gênero narrativo. Os horrores da nação podem emergir de uma forma muito pontual na narrativa, e isso pode ser ainda mais assustador, devido à quebra das expectativas, mas, para fazer esse tipo de leitura é preciso estar atento para os símbolos literários. Na literatura brasileira temos numerosas situações que evidenciam nossos dilemas, preconceitos e feridas nacionais, mas que ainda precisam ser estudados por esse viés, aproveitando os conceitos e o vocabulário analítico oriundos dos estudos góticos e fantásticos. Os

métodos e termos críticos dessas áreas de conhecimento têm potencial para nos ajudar a compreender e depois explicar aspectos da identidade nacional.

Opiniões: *Como o senhor percebe o desdobramento da literatura fantástica no Brasil desde o século XVIII até o presente, em termos de sua representatividade e aceitação dentro do cânone literário brasileiro?*

Daniel Serravalle de Sá: Percebo que a aceitação e a representatividade da literatura fantástica, gótica, insólita – o velho problema da categorização por gênero textual – só têm aumentado com o passar dos anos. Essa popularidade crescente de narrativas que representam situações de mistério, melodrama e horror sobrenatural está acontecendo por uma confluência de fatores, entre os quais identifico uma maior valorização por parte da crítica, mas também um reconhecimento do potencial de mercado desse tipo de ficção. A crítica acadêmica, o público consumidor, a indústria editorial, os autores e autoras, todos estão pavimentando esse caminho que está levando a uma maior aceitação de obras fantásticas, góticas e insólitas no cânone brasileiro, mas ainda há muita estrada pela frente. Há trinta ou quarenta anos era algo impensável oferecer uma disciplina sobre literatura gótica na pós-graduação de uma universidade brasileira, mas, hoje a academia está muito mais aberta a essas possibilidades, e essa edição especial da revista Opiniões é um exemplo disso.

Opiniões: *Professor, quais seriam as estratégias mais eficazes para reavaliar e reconfigurar o cânone literário brasileiro para incluir mais obras que exploram o fantástico?*

Daniel Serravalle de Sá: Não vejo uma necessidade de reconfigurar o cânone literário brasileiro, no sentido de mudar o que já foi feito e propor novas classificações. Nós sempre tivemos excelentes críticos no Brasil, quando se olha a historiografia da nossa crítica literária, ela é um conjunto bastante coeso e coerente. É claro que os críticos não concordam sobre todos os aspectos, mas, em geral, há bastante consistência. Então, não acho que se deva reconfigurar o cânone, mas creio que pode haver uma movimentação no sentido de ampliar esse cânone, propondo leituras inovadoras de textos que já são bem conhecidos e resgatando do esquecimento obras e autores de séculos passados, a fim de promover maior diversidade. A crítica feminista tem feito um trabalho excelente nessa direção, tanto no sentido de redescobrir e estudar escritoras como Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917), Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), Inês Sabino (1853-1911), Maria Benedita Bormann (1853-1895), Emília Freitas (1855-1908), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), quanto no sentido de estimular novas publicações de autoras do passado e de presente. Nesse sentido, gostaria que o cânone fosse ampliado para acolher grupos de pessoas e gêneros literários cuja importância ainda está sub-representada na história nacional, nos planos de ensino, nos espaços culturais.

Opiniões: *O senhor poderia dar exemplos bem acabados de como o terror psicológico ganhou representação na literatura brasileira? Por favor, aborde a questão a partir de dois momentos distintos: o século XIX e o século XX.*

Daniel Serravalle de Sá: Debater o terror psicológico na literatura brasileira abrangendo dois séculos é um trabalho fenomenal, que não vai ser possível desenvolver aqui sem que a discussão fique demasiadamente esquemática e incompleta, mas posso citar como exemplo de terror psicológico o conto “A cartomante” (1884), que geralmente é lido com destaque para as questões de adultério e da hipocrisia burguesa. Todavia, é possível dirigir a atenção, mais especificamente, para os processos emocionais do personagem Camilo, priorizando uma análise psicológica. Vou citar um trecho que tem um grande potencial para esse tipo de interpretação:

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, – o que era ainda pior, – eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo.²

Camilo passa por diversos estados de emoção ao longo do conto, de confiante a preocupado, de valentia a medo, e isso dá uma ótima discussão sobre terror psicológico.

Agora, para falar sobre um exemplo mais recente, embora a narrativa trabalhe mais os fenômenos da psique humana do que a questão do pavor em si, é o romance curto *Fantasma* (2021), de Nilton Resende, um texto incrível sobre uma entidade melancólica e solitária, enclausurada no quarto de uma hospedaria, presenciando o vai-e-vem de hóspedes. O fantasma permanece naquele espaço com os restos (de pele, cabelos, odores, sons) que ficam nas paredes, piso e tecidos do quarto. A história é narrada pelo próprio fantasma e avança de uma forma etérea, quase onírica, falando sobre os detalhes do cotidiano, mas também do que se passa por dentro das percepções, sentimentos e pensamentos da própria entidade. Recomendo a leitura.

Opiniões: *Quais são os principais desafios que os escritores brasileiros de literatura fantástica enfrentam no cenário literário atual?*

Daniel Serravalle de Sá: Creio que o principal desafio é ser lido e, para isso, além de escrever com criatividade, tem de saber divulgar e distribuir o trabalho. Então, não basta somente produzir literatura, é necessário saber disseminar a produção para se ter leitores. No século XXI, graças às facilidades tecnológicas e às plataformas de autopublicação, houve um crescimento exponencial e autores independentes. Em outro nível, é necessário ter bons enredos e usar a linguagem de

² ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1896. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=136498>. Acesso em: 25 mai. 2024.

uma forma criativa, esse é um aspecto essencial e um desafio não só para escritores brasileiros de literatura fantástica, mas para todos escritores e escritoras em geral.

Opiniões: *O senhor poderia apontar alguns autores e obras contemporâneas que, na sua visão, estão contribuindo de forma significativa para a literatura fantástica brasileira?*

Daniel Serravalle de Sá: Por causa da minha formação acadêmica e área de atuação, costumo me voltar mais para a literatura do passado do que para a literatura contemporânea, mas sei que há um crescimento exponencial do que está sendo chamado aqui de literatura fantástica brasileira. Percebo que muitos desses novos autores ainda desenvolvem suas narrativas nos moldes de um fantástico transnacional, geralmente oriundo do imaginário europeu, que agora são reconhecidos como parte de uma cultura global. Estou pensando aqui em escritores brasileiros que escrevem contos de fadas, sagas nórdicas, narrativas ambientadas em cenários medievais, e isso é válido também. Todavia há escritores e escritoras nacionais que têm apostado em usar o Brasil como cenários para suas narrativas, por exemplo, no romance *Os sete* (2000), de André Vianco, vampiros chegam no país dentro de uma caixa de prata, resgatada de uma caravela naufragada, que é aberta por uma equipe de pesquisadores da universidade. Em *Arma escarlate* (2011), de Renata Ventura, o adolescente Hugo foge de um tiroteio na favela Santa Marta, no Rio de Janeiro, e descobre que é um bruxo. Em *A pedra e a ilha, mistérios envoltos* (2020), de Maurício de Oliveira, temos um imaginário de aventuras de piratas e indígenas, ambientadas em Laguna, Santa Catarina. Nesse processo de desenvolver suas narrativas no contexto nacional, esses e muitos outros escritores têm desenvolvido imagens literárias e procedimentos linguísticos que fortalecem e consolidam um público leitor, um mercado editorial e a literatura brasileira em geral.

Opiniões: *Como o senhor vê o papel do ensino de literatura nas escolas e universidades na perpetuação dessa perspectiva crítica que relega o fantástico à subliteratura?*

Daniel Serravalle de Sá: O imaginário de terror sobrenatural e fantástico tem um apelo enorme entre o público jovem e, se for usado nas escolas, pode servir de âncora para a criação de hábitos duradouros de leitura. O ideal seria que os jovens tivessem um contato prazeroso com a leitura nos anos escolares, de modo que continuassem lendo na idade adulta. Todavia, isso depende de políticas governamentais sólidas, infraestrutura nas escolas, professores bem preparados e bem remunerados, são diversos fatores para se levar em consideração e, além disso, as realidades locais das escolas no Brasil são muito díspares. Gostaria que o meu leitor e a minha leitora tirassem um tempo para ler o texto sobre educação literária na Base Nacional Comum Curricular, a fim de entender, mais exatamente, o que está sendo proposto para o ensino infantil, fundamental e médio, quem sabe assim começamos uma discussão mais ampla sobre esse assunto tão importante que é o ensino de literatura nas escolas.

Agora, sobre o fantástico ser visto como subliteratura, acho que essa visão já está mudando, inclusive estamos formando muitos mestres e doutores especialistas no fantástico e no gótico, que logo vão estar ensinando e, em bom tempo, orientando também nas universidades, escolas e outras instituições de ensino.

Opiniões: *Como o senhor vê a relação entre a representação de Zé do Caixão e uma possível crítica à sociedade brasileira da época? Zé do Caixão é um representante de certo Brasil? Por quê ou de que modo?*

Daniel Serravalle de Sá: O Zé do Caixão na obra multimidiática de José Mojica Marins foi meu tema de doutorado na University of Manchester, entre outros assuntos, trabalhei questões como a conexão com filmes de terror internacionais, questões de invenção artística e a autoparódia, as fronteiras entre criador e criatura, que busca intencionalmente confundir as pessoas a respeito da identidade do cineasta e do personagem, e, também a dimensão política do personagem, particularmente como uma resposta ao golpe de 1964 e a subsequente ditadura de Estado. Novamente aqui a relação entre arte e sociedade.

O Zé do Caixão, esse personagem icônico do cinema brasileiro, foi criado por José Mojica Marins, em 1963, que o interpretou no filme *À meia-noite levarei sua alma*, lançado em 1964. Posteriormente, o personagem passa por um processo de engrandecimento, deixando de ser um coveiro de uma pequena cidade do interior do Brasil para se tornar uma entidade maligna que aterroriza os sonhos dos brasileiros, é o que vemos no filme *Delírios de um anormal* (1978). O escritor, tradutor e ilustrador Rubens Francisco Luchetti deu contribuições magníficas para essa expansão do personagem em termos de alcance e complexidade, levando Zé do Caixão para outras mídias (quadrinhos, rádio, televisão), enfim, ajudando a criar uma obra repleta de meta-representações e autorreferências.

O curta-metragem “Ideologia” (1968), essa palavra bastante perigosa naquele momento histórico, é exemplar dessa conexão entre cinema e realidade social. Lançado no mesmo ano em que o quinto Ato Institucional (AI-5), que suspendeu direitos sociais e jurídicos dos brasileiros, esse curta só foi liberado após muitas negociações com o Serviço de Censura de Entretenimento Público (SCDP). No decorrer do curta, o que vemos são prisões arbitrárias, torturas, execuções a sangue frio, violação e destruição de corpos. O diretor ousa retratar cenas de tortura que, por causa da censura da imprensa, foram mantidas longe dos olhos do público, mas que habitaram o imaginário de muitos brasileiros, sob o pretexto de ser apenas um filme de terror.

Então, nesse sentido, Mojica promove um deslocamento de ideias como forma de discutir assuntos que não podiam ser discutidos abertamente ou, talvez, que pudessem ser melhor compreendidos representados em um outro cenário, onde reconhecer o potencial alegórico da situação fosse mais fácil. O diretor se aproveita do fato de que violência, tortura e tirania são aspectos constitutivos de filmes terror e dá uma resposta estética à sociedade de seu tempo, na forma de uma representação histórica das brutalidades da ditadura militar brasileira. Em diálogo com o cinema de horror internacional, o Mojica é um gótico tropical e brasileiríssimo.

sobre o entrevistado

Daniel Serravalle de Sá é professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina e nos programas de pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), em Literatura (PPGLit/UFSC) e em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFSC). Entre 2007 e 2010 foi nomeado pelo Ministério das Relações Exteriores para ser Leitor Brasileiro no Exterior, onde ensinou literatura e cultura brasileira. Foi Membro da Comissão Assessora da Área de Letras Inglês do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes do Ensino Superior (Enade/INEP/MEC) para o triênio 2017-2019. Coordenador do projeto Gothic Digital Library @ UFSC, biblioteca digital hospedada no Repositório Institucional da UFSC. Seus interesses de pesquisa englobam o estudo da cultura popular e a relação entre literatura, cinema e outras artes. Nos últimos anos, tem escrito sobre o gótico e suas manifestações em diferentes contextos culturais. É autor do livro *Gótico Tropical: o sublime e o demoníaco em O Guarani* (Edufba, 2010) e de capítulos nos livros *World Film Locations: São Paulo* (Intellect, 2013), *Tropical Gothic in Literature and Culture: The Americas* (Routledge, 2016), *Latin American Gothic in Literature and Culture: Transposition, Hybridization, Tropicalization* (Routledge, 2018) e *B-Movie Gothic* (Edinburgh University Press, 2018). E-mail: dserravalle@gmail.com.